

# Remoção da favela da

GDF espera que maioria aceite a transferência.

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, terça-feira, 16 de junho de 1987 15

## 110 Norte começa hoje

Só com passagens serão gastos Cz\$ 7 milhões

A partir de 10h de hoje, o GDF começa a remoção da invasão da 110 Norte. Serão deslocados para o local 10 caminhões para a mudança. O governo mantém a expectativa de que pelo menos 200 das aproximadamente 500 famílias que habitam o local sejam transferidas nessa operação. Na sexta-feira, o secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, vai visitar com uma comissão de invasores os terrenos das cidades goianas de Brasília e Santo Antônio do Descoberto — onde poderão ser feitos assentamentos.

De acordo com Adolfo Lopes, nessa primeira etapa sairão apenas aqueles que já manifestaram a intenção de retornar para os locais de onde vieram, seja no Distrito Federal ou áreas limítrofes — além dos que querem retornar para os Estados de origem. Para tanto, o GDF vai desembolsar recursos da ordem de Cz\$ 7 milhões 160 mil, para as despesas com passagens e locomoção, já autorizados pelo governador José Aparecido.

Lopes informou que na sexta-feira vai visitar, juntamente com uma comissão de invasores, os terrenos cedidos em regime de comodato pela Fundação Maria do Barro, em Brasília e Santo Antônio do Descoberto. Acrescentou que defenderá junto ao governo do Distrito Federal a implementação de uma infra-estrutura mínima nesses locais, como a perfuração de poços de água e criação de linhas especiais de ônibus — para os que trabalham em Brasília. Observou ainda que a própria Fundação Maria do Barro pretende desenvolver nos assentamentos projetos de

cinas artesanais comunitárias.

Ontem, contudo, não foi possível encontrar nenhuma pessoa interessada em mudar-se para Goiás. O argumento de todos é basicamente o mesmo: a remoção implicaria num gasto maior com transporte, pois teriam que se servir de linhas intermunicipais — com tarifas bem mais elevadas — para vir trabalhar em Brasília.

Pela manhã, o clima na favela (ou “invasão”, como preferem os técnicos do governo) era de tranquilidade. Nas pequenas birsoças havia rodas de viola, que davam um tom festivo, próprio de feriado. A monotonia era quebrada pelas diversas equipes de reportagem interessadas em repercutir junto aos favelados a possibilidade de serem removidos na marra a qualquer instante. “Tem tanta invasão por aí. Se me tirarem daqui eu vou para outra”, respondeu Lourival Marcolino — que não revelava qualquer apreensão.

O secretário Adolfo Lopes acredita, no entanto, que tão logo as primeiras famílias abandonem o local — o que está previsto para acontecer hoje — a adesão à proposta do governo será praticamente total. Ele disse que a oferta dos terrenos da Fundação Maria do Barro veio em boa hora porque, segundo observou, o DF não dispõe de terrenos em número suficiente para promover novos assentamentos.

Para Lopes, o governo tem mantido até agora o propósito de remover os invasores dentro de uma política de auxílio social. Acrescentou que já havia inclusive um plano de ação no sentido de derrubar pura e sim-

plesmente os barracos, deixando as famílias ao relento. Ele defende a tese de que os assentamentos em Goiás propiciarão a essas famílias uma vida “mais digna” do que a que levam na favela.

Entretanto, dificilmente o GDF vai conseguir resolver essa questão de forma tão simples como avalia Adolfo Lopes. A favela já recebeu a visita de entidades de classe, partidos políticos e até de representantes da Igreja Católica. Todos fizeram o mesmo discurso no sentido de que os invasores não devem abandonar o local, a não ser que o GDF promova um assentamento.

### PLANTAS AÉREAS

Quanto a esse ponto, o GDF já deixou claro por mais de uma vez que não dispõe de recursos para tal empreitada. O próprio governador José Aparecido enfatizou que “eles retornarão para os locais de onde vieram, porque de algum lugar eles saíram para lá (110 Norte). Não são plantas aéreas, que o vento leva”. O governador fez o comentário na semana passada, como que pondo um ponto final nessa questão.

Mesmo assim, a vontade da grande maioria dos invasores é ser assentados no Distrito Federal. Ontem quem defendesse a ideia de aceitar a alternativa de ir para Brasília ou Santo Antônio do Descoberto recebia severas críticas dos demais. “Por que eles não fazem esse assentamento aqui mesmo, tem tanta terra sobrando por aí?”, perguntou o vendedor de papel Manoel Joaquim da Silva, pai de 10 filhos.